

científica, in cui non vengono trascurati dati ed informazioni. Spicca l'interesse rivolto agli elementi iconografici, troppo spesso dimenticati negli studi epigrafici e considerati accessori secondari rispetto ai testi, cui viene attribuito il loro giusto valore come parte integrante del documento scritto.

Innovativa è anche la veste editoriale e grafica in particolare nel modo di presentare le singole schede epigrafiche dove alcuni accorgimenti estetici, come l'uso del neretto, consentono di attirare l'attenzione del lettore su elementi particolarmente importanti che, se possono risultare scontati per gli epigrafisti, permettono invece di facilitare la comprensione e di suscitare la curiosità dei neofiti. Ottima la qualità delle fotografie anche se talvolta, sicuramente per una scelta di tipo

editoriale, risultano un po' troppo piccole e non agevolano l'autopsia "indiretta" da parte del lettore.

La presenza di ottimi indici, in cui sono presi in considerazione non solo aspetti propriamente epigrafici ma anche caratteristiche stilistiche e strutturali di tutti i pezzi presi in esame, dell'elenco di sigle ed abbreviazioni, di una ricca ed esaustiva bibliografia oltre a quella di un glossario, rivolto ai lettori che per la prima volta si confrontano con il tema e che consente di trovare una subitanea spiegazione dei termini tecnici presenti nel volume, fanno di questo libro un'opera scientificamente corretta e valida ed un supporto di lavoro utile per chi si occupa di epigrafia.

Giulia Baratta

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *Paisagens da Antiguidade* (Ofiusa 15), Lisboa, Apenas Livros, Maio de 2009, 48 páginas. ISBN 978-989-618.234-2.

«Debruça-se o investigador sobre o tema da sua especialidade». Assim começa o livro do Prof. José d'Encarnação, *Paisagens da Antiguidade*, onde reúne um substancial conjunto de mais de uma dezena de textos que prefaciaram obras de colegas e discípulos, daqui e d'além fronteiras, abordando múltiplas e interessantes questões no âmbito da Epigrafia, da Arqueologia e da História Antiga. «Debruça-se», pois, «o investigador sobre o campo da sua especialidade». E logo, pouco depois, pode ler-se: «Ele aí está, pronto para cumprir a sua missão».

Estas duas frases entre si complementares poderão parecer ao observador incauto um mero artifício literário para situar desde logo o leitor no âmbito e no tom desta colectânea de textos. Mas, se as reconsiderarmos com mais atenção, descobrimos que estas duas pequenas frases encerram afinal um conteúdo muito mais pertinente e profundo.

Temos, assim, aquele que investiga – e investiga não sobre qualquer coisa, mas sobre o tema da sua especialidade. Trata-se, então, de alguém que conscientemente investiu no estudo de determinada área do saber – pressupõe-se para a qual se sentia e sente especialmente desperto e vocacionado, até porque vem agora a entender a prática científica como o cumprimento de uma missão; aliás, não de uma qualquer missão mas, vincadamente, da *sua* missão.

Este modo de encarar aquilo que se faz, em que a realização pessoal se articula necessariamente com o desejo de ser útil à comunidade através do contributo desinteressado e eficaz para o avanço de um específico campo do conhecimento, eleito entre todos os demais por assumida vocação e não por calculada conveniência, é uma atitude vivencial e profissional hoje muito mais rara do que à primeira vista se pode supor, e que não deixa de mergulhar as suas mais profundas raízes

nas sábias quão pragmáticas concepções do mundo clássico.

Os gregos chamavam-lhe *aretê* e, os latinos, *virtus*. Nos mais recuados tempos homéricos, os da Guerra de Tróia, *aretê* e heroicidade guerreira coincidiam e eram uma e a mesma coisa: *aretê* significava então a capacidade de vencer um inimigo, um obstáculo, pela excelência da força física, da coragem e da destreza no manejo das armas. Mas já na «Odisséia» o herói, Ulisses, conquista a sua liberdade relativamente ao invencível Cíclope, à mágica Circe e às inebriantes Sereias através da única arma passível de vencer tão fabulosos adversários: a inteligência. E, noutra mito, é a vez de Orfeu ser heroicizado e equiparado aos próprios deuses pela força anímica da sua palavra e da sua arte –mais potentes e dominadoras do que as próprias feras selvagens ou mesmo do que os terríficos espíritos infernais.

«Conhece-te a ti próprio!» –estava escrito sobre a porta do templo de Apolo, em Delfos. Sócrates, e mais tarde os Estóicos, fazem sua esta verdadeira chave da sabedoria e da praxis vitoriosa. Cada ser humano pode ser excelente num determinado campo. Resta conhecer-se a si próprio e perceber qual é esse específico campo de eleição –e, depois, só resta praticá-lo com convicção e sem atender às sereias da moda, aos Polifemos dos poderes instituídos, às Circes das conveniências materiais, ou outras.

Hoje em dia, numa sociedade cada vez mais embrutecida e estupidificada –e tantas vezes o exemplo vem de cima...–, muitas das

mais nobres áreas do conhecimento são comumente consideradas secundárias, senão mesmo caducas e dispensáveis. Julga-se que todos deverão monoliticamente pensar e agir do mesmo modo, ou pelo menos dentro de um grau de variabilidade bastante diminuto: trabalhar para consumir, consumir para viver, viver para trabalhar... Tudo muito estandardizado e determinado, claro está! E, quem caia fora deste ciclo, quem não consiga ser excelente dentro deste apertado mundo, então não passará de um vencido, de um inadaptado, de um inútil... Como se não houvera mais mundos, mais opções vivenciais, mais campos onde exercer a *aretê* própria de cada ser humano. Ser humano esse cuja principal riqueza provém, sem dúvida, da infinda e inaprisionável diversidade das inteligências, das vocações, das sensibilidades.

O livro de José d'Encarnação é, claramente, o livro de um especialista –aliás internacional e consensualmente reconhecido como tal. Mas é também o livro de um mestre generoso e de alguém sempre pronto a cumprir a missão que se impôs a si próprio –e para a qual está inequivocamente vocacionado: a de incutir nos discípulos eleitos esse mesmo abnegado espírito de missão, essa incessante procura do conhecimento, essa contínua vitória sobre si próprio –e também sobre os «ruídos de fundo» circundantes–, caminhando sempre e estoicamente na procura da excelência como homem, como investigador e como cidadão.

*José Cardim Ribeiro*

ANNE KOLB, JOACHIM FUGMANN, *Tod im Rom. Grabinschriften als Spiegel römischen Lebens* (Kulturgeschichte der antiken Welt 106), Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern, 2008, 232 pp. ISBN 978-3-8053-3483-9.

Un conjunto de 58 inscripciones, con excelentes imágenes, nos presentan en forma descriptiva la conservación de la memoria

después de la muerte en Roma. Para ello, antes de iniciar la descripción comentada de los epígrafes, los autores han procedido